

A MODERNIZAÇÃO NO INTERIOR DO CEARÁ: O CINEMA E O TREM NA CIDADE DE IGUATU, NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

NAIARA LEONARDO ARAÚJO*

nayara_araujo1990@hotmail.com

(...)

Parti em busca da imortal vitória,

Desta enorme vitória que sonhei.

Percorri toda estrada transitória,

Nos cardos do caminho os pés sangrei.

E de volta, cansado, quase exausto,

Vi que riquezas, amor vitória, fausto,

Tudo se acaba e cai no esquecimento.

(...)

[João Alves Rocha, 2012: 68.¹]

As estrofes acima transcritas são de autoria de João Alves Rocha, descrito como músico e poeta por seu filho Francisco Alves Rocha, quando da publicação de alguns sonetos escritos pelo pai. Na composição deste livro, intitulado *Estes Sonetos*, consta que Rocha nasceu na cidade do Crato, Ceará, em 15 de dezembro de 1900. Nos documentos e

* Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande, UFCG. Atualmente, mestranda em História Cultural pelo Programa de Pós-graduação de História da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE; bolsista CNPq.

¹ Estrofes do soneto “Desilusão” (p. 68), de autoria de João Alves Rocha, poeta cratense, publicado por seu filho no livro *Estes Sonetos* em 2012.

registros da cidade de Iguatu², encontramos traços de sua atuação, principalmente no campo do comércio. Apesar da ampla atuação na sociedade, queremos ressaltar aqui a sua imagem de dono de cinema, do *Cine Guarany*. Para tanto, Francisco Rocha dedica pouco mais de um parágrafo a falar desse empreendimento do pai, colocando-o como dono do primeiro cinema da cidade, instalado num prédio centenário. No local também era possível assistir à peças teatrais organizadas na cidade ou com grupos itinerantes. O autor resalta a execução da ópera *O Guarany*, do maestro Carlos Gomes, como acontecimento obrigatório antes das sessões, enfatizando que o aparecimento da primeira imagem na tela deveria coincidir com o desfecho da música.

No entanto, devemos observar que tal empreitada não teve o pontapé inicial dado por este senhor. A construção deste primeiro *Cine-theatro* é atribuída à figura de Teófilo Hamdan, assírio/libanês instalado na cidade, comerciante e industrial, em meados da década de 1920. O memorialista Wilson H. Lima Verde, em seu livro *Iguatu – dando nova vida ao que vi, ouvi, li, falaram, me disseram*, assim descreve seu cinema: “Estruturado com um moderno maquinário e contando com o aparelhamento de 400 poltronas, palco e espaço bem definido para funcionamento da Banda de Música, visto que tal fato acontecia ainda na época do cinema mudo” (VERDE, 2012: 465). Em entrevista realizado com o referido memorialista, ele acrescenta:

*Esse empreendimento funcionou na Praça Demóstenes de Carvalho, onde hoje se encontra o Abrigo Metálico (...). Daí, quando foi já nos anos 1930, Teófilo Hamdan já havia construído o prédio do Cine-Teatro Iguatu, na atual Praça Gonçalves de Carvalho, naquela época Praça Getúlio Vargas (...). Esse cinema funcionava comumente com duas sessões: das 18 às 20 horas e, outra, a segunda sessão das 20 até às dez horas. Como se tratava, inicialmente, de um cinema mudo, então nos intervalos de cada parte havia a parte musical da banda do município de Iguatu e a turma, às vezes por deboche, dizia **a furiosa**. Então, era muito bem frequentado e era a fina flor da sociedade iguatense que frequentava. Ainda não existia na primeira fase os clubes, então o divertimento era o cinema mesmo.*³

² Cidade situado no interior do Ceará, região centro-sul, distante da capital Fortaleza 380 km. É uma região de clima semi-árido com uma área 11029,002 km².

³ Entrevista concedida pelo senhor Wilson Holanda Lima Verde, gerente aposentado do Branco do Brasil de Iguatu, memorialista e escritor, em data de 06 de junho de 2012.

Notamos a partir de sua fala, então, que a construção do prédio descrito em seu livro se deu com a atuação efetiva do cinema na cidade, mudando-se após a conclusão da obra. O endereço em que se encontrava o prédio do *Cine-Theatro Iguatu* à época era a Rua do Fogo, hoje denominada de Floriano Peixoto, no centro da cidade. Na década de 1970 a estrutura foi totalmente destruída para dar lugar à construção de um prédio que se tornaria sede da *Telemar* – empresa de telecomunicações. Tal localidade estava bem próxima da rua Eptácio Pessoa, uma conhecida rua de casas de comércio da época e ainda de hoje. Na foto a seguir, observamos uma parte do centro da cidade com visão de cima (talvez sobrevoando a cidade) e em seu verso alguns escritos, já um tanto corroídos pelo tempo. Dentre o pouco que ainda está legível podemos ler “Praça Gonçalves de Carvalho, Iguatu” escrito em máquina de datilografar e, abaixo, escrito à mão observamos o nome de Nasareth, algumas palavras indecifráveis por conta do tempo e, em seguida, a data 10 de junho de 1958.



A respeito desta fotografia, notamos ao centro a praça que, nesta data, já sofrera modificações em seu nome, deixando de ser Getúlio Vargas para ser reconhecida como Gonçalves de Carvalho. No prédio circulado encontramos o *Cine-Theatro Iguatu*, situado próximo ao Palacete do Senhor Otacviano Benevides, construído no início da década de 1920, o qual serviu de sede para o I Congresso Algodoeiro do Ceará, em 1925 e seus bailes ainda são lembrados pelos senhores como um festejo que movimentava a cidade. O mesmo foi totalmente destruído também na década de 1970 para dar lugar à sede da Caixa Econômica Federal. Seguindo ao outro extremo da praça, em linha diagonal, observamos

um prédio, estrutura que só conseguimos observar o telhado, onde funcionava a primeira sede do Banco do Brasil, construído em 1957. Na lateral do *Cine-Theatro Iguatu* encontramos uma rua que, seguindo-a em linha reta se alcançaria a praça da Estação de trem, fato que observaremos mais a frente.

A respeito da construção desse primeiro cinema na cidade, mapeamos algumas referências procurando a cada nova indicação mais informações sobre ele, sua duração na sociedade e participação social. A maioria dos autores situam o início de suas atividades na década de 1920. F. Silva Nobre, no livro *O Ceará e o Cinema*, menciona um trecho do livro *Iguatu – Memória Sócio-Histórico-Econômica*, de Alcântara Nogueira, em sua primeira edição de 1962, situando-o cronologicamente em 1924 (NOBRE, 1989). No entanto, um artigo publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará relatando biograficamente sobre a vida de Alerano de Barros nos indaga sobre tal data. O artigo, usando diversos textos escritos pelo próprio Alerano de Barros como fonte, nos realta acerca da construção da estrada de ferro em Iguatu o seguinte:

Com a chegada da estrada de ferro, Iguatu sofreu profundas transformações. Foram construídas muitas casas novas. O capão do mato, atrás do cemitério, em que, numa manhã, eu, Belisário e o Dr. Brandi batemos a primeira estaca da estação, ficou transformado numa grande praça de casas alinhadas. Fez-se um cemitério novo. A rua do Comércio chegou até à Praça da Estação. Estabeleceram-se dois hotéis (Iguatu antes da estrada de ferro não tinha nenhum). Abriu-se um cinema bem montado. (Pelo menos, era muito superior aos de Viçosa e Maranguape)⁴.

O autor do artigo, Luiz Barros, teria transcrito um trecho dos escritos de seu pai sem o cuidado de transpor a data? Ou a referida data no início do tópico sobre *A estrada de ferro em Iguatu*, 5 de novembro de 1910 – data de sua inauguração – teria sido a mesma em que escrevera? Na próxima citação usada pelo autor, Alerano diz o seguinte: “Em 1912, um movimento revolucionário depôs o velho Presidente Dr. Nogueira Acioli. O Cel. Belizário afastou-se da política”. Assim, observando a citação seguinte, (pré)-supomos que

⁴ Tal texto encontra-se transcrito na íntegra no livro “A Estrada de Ferro de Iguatu”, de José Hilton Lima Verde Montenegro, publicado em 2010.

tais escritos tenham sido feitos posteriormente. Apesar dessa questão ter aparecido ao longo da pesquisa e inquietado um pouco, a maioria dos autores colocaram como momento de emergência do cinema na cidade a década de 1920.

Portanto, da década de 1920 até o ano de 1953 o *Cine-Theatro Iguatu*, que já havia mudado de dono – passara às mãos do já mencionado poeta João Alves Rocha – e de nome – o novo dono o batizaria de *Cine Guarany* –, funcionou como único cinema da cidade. Na data do centenário do município, 25 de janeiro de 1953, um novo cinema começou a funcionar, o *Cine Sá*, construído pelo relojoeiro recifense Emanuel de Sá, situado à Praça Cel. Cícero Belizário, mesma praça em que se deu as festas do centenário. O episódio foi relatado, em entrevista de Wilson H. Lima Verde, como um acontecimento grandioso que contou com a presença de diversos políticos, do prefeito Agenor Araújo, além do compositor Humberto Teixeira – natural de Iguatu – e seu amigo e cantor Sivuca.

Com uma estrutura de cinema dita como o que havia de mais moderno na época, o *Cine Sá* passou a fazer concorrência ao *Cine Guarany*, mas as pessoas entrevistadas não souberam dizer se esse teria sido o principal motivo do fechamento na década de 1960 do primeiro cinema a funcionar em Iguatu⁵. Tampouco as referências e documentos analisadas até o momento nos possibilitou obter tal informação. É importante notar, portanto, a frágil situação no tocante às fontes, pois um ou dois órgãos públicos no município se preocupa com o registro histórico num cenário em que nenhum arquivo público municipal possui atualmente jornais, por exemplo, preservados. Alguns raros jornais na íntegra e outros poucos recortes se encontram sob a tutela do senhor Wilson H. Lima Verde.

IGUATU EM PROGRESSO: A CHEGADA DO TREM COMO FATOR INUSITADO

⁵ Para a composição deste artigo foram analisadas seis entrevistas, sendo uma do já mencionado memorialista Wilson H. Lima Verde. As demais são de José Bezerra, Eneas Paulino e Francisco de Paula da Silva, Eptácio Araújo e Francisco de Sales.

A cidade é vista e interpretada de maneira diferente por cada um que nela se estabelece para os mais variados objetivos. O viajante pára e a observa enquanto o trabalhador segue seu caminho rumo ao trabalho sem poder se deter nas dinâmicas e mudanças que acontecem ao seu redor. A dona-de-casa que, no fim da tarde, senta-se na calçada e ver as pessoas transitarem pela rua provavelmente conhece aquelas fisionomias que diariamente passam apressadas à sua porta. Enquanto aquele que passa rapidamente em busca de suas obrigações/interesses possuem um espaço maior para mapear e, talvez por isso, não se detenha naqueles que lhe observa.

Assim como as relações dentro de uma urbe são pensadas, a organização física dela igualmente o é. A igreja é construída e ao seu redor se estabelecem casas, a prefeitura, a delegacia, uma praça de convivência, etc. A igreja católica, ao adentrar o espaço ainda vazio e sem nome, vai, aos poucos, participando e observando tal espaço sendo apropriado, dividido, articulado.

As estruturas arquitetônicas vão ganhando o espaço agora habitado e a inscrição de nomes próprios vão acrescentando valor simbólico, identitário, capaz de nomear as lembranças e permitindo que se guarde recordações. A padroeira da cidade é Sr^a Sant' Ana, a igreja leva o seu nome mas ganha no imaginário coletivo o apelido de Igreja Matriz. Assim, também a praça situada a sua frente se tornará praça da Matriz. A cidade também ganha seu nome, de Telha – como fora conhecida antes de sua emancipação – passa a se chamar Iguatu, nome de origem tupi-guarani que significa água boa (tal menção se deve ao fato de a água de Iguatu ser doce e boa para o consumo, além de está situado ao redor de diversas lagoas e próxima ao rio Jaguaribe).

A nomeação dos lugares ao mesmo tempo que permite a abertura aos espaços vai tornando esses nomes próprios esvaziados e desgastados (CERTEAU, 2008: 184). Seria talvez essa a possibilidade de explicação na mudança de nomes porque passam os logradouros? Também podemos observar que as práticas cotidianas vão permitindo aos passantes a atribuição de outras denominações que, situado dentro daquela articulada teia de eventos e acontecimentos, lhe permite assim ser chamada. Novamente, fazendo

referência à praça situação na frente do *Cine-Theatro Iguatu*, o autor Hugo Victor, no ano de 1925, diz: “possui a cidade, talvez, o mais vasto e mais belo [cinema] do interior, de propriedade dos srs. Hamdan & Barreto, à praça Justiniano de Serpa” (VICTOR, 1925: 16). Esta mesma praça mencionada neste trecho por ele é também dita como a principal praça do passeio público, construída pelos comerciantes. Notamos, assim, que ao passo que alguns espaços já sofreram diversas nomeações, outros se mantiveram conservados, tanto oficialmente quanto no imaginário social. Como exemplo, observamos a praça da Matriz que, apesar de não guardar sua estrutura física preservada, ainda consta de mesma nomeação.

Percebemos, portanto, que o espaço da cidade é vivido e praticado. São as pessoas por ali circulando que vão atribuindo significados, mais a uns determinados trechos e menos a outros, numa relação ao mesmo tempo pessoal (subjéctiva) e coletiva. Colectiva, pois uma rua específica da cidade, por exemplo, pode ou não ser espaço de livre circulação devido ao calçamento ruim, pouca iluminação, ter um histórico de roubos ou assassinatos, dentre outros aspectos capazes de construir uma memória colectiva de que tal rua deve ser evitada. Assim, a cidade é mais do que uma disposição física de ruas e casas, ela é também construída emotivamente a partir de cada uma de nossas experiências.

Sob essa perspectiva, Sandra Pesavento afirma:

Entretanto, é inegável que, nesse enquadramento problemático a cidade era ‘o lugar onde as coisas aconteciam’, fosse pelo desenvolvimento daquelas forças capitalistas, fosse pela expansão de um mercado de trabalho nos maiores centros urbanos, para onde acorriam os egressos do regime escravista, ou fosse ainda por um processo mais amplo, de modernização e de redefinição das relações entre o campo e a cidade. [PESAVENTO, 2007, 12-13]

Ou seja, após a Revolução Industrial e a modernização as cidades passam a concentrar inúmeras mudanças em sua estrutura física, na dinâmica social e cultural, na economia. É na cidade que primeiro chega as notícias, a moda, os filmes. Assim como também é na cidade onde nos dirigimos para vender e comprar. Tais acontecimentos não deixaram de ser observados na cidade de Iguatu. Percebemos acima, com a citação dos

escritos de Alerano Barros, o local onde se construiria a Estação de Trem fora escolhida com cuidado e da sua inauguração em diante as práticas sócio-culturais também se modificaram.

O trem surge como uma necessidade para fazer escoar mais rápido a produção de algodão da região, vista como a maior produção do estado (NOGUEIRA, 1985: 95). Antes da chegada do trem tal escoamento era realizado em “lombos de burros”, o que tornava a chegada ao destino final mais demorada. Quanto mais rápido o produto chegasse ao seu destino final, mais rápido os produtores obteriam o retorno financeiro e assim poderia aumentar a produção, dispor de lazer e outros bens. Portanto, a manobra política do Cel. Belizário pode ser vista como o pontapé para uma modernização da cidade de Iguatu, pois da sua chegada em diante se observaria a instalação de hotéis antes inexistentes, do passeio público próximo a estação, do passeio na estação, da instalação de cinema, dentre outros aspectos.

O documento *Ceará – o município e a cidade de Iguatu*, de autoria de Hugo Victor e data de 1925, foi à época encomendado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Piauí e nele consta um panorama geral da cidade, aspectos climáticos, sobre o comércio, a disposição espacial da cidade, os “prédios importantes”, o passeio, dentre outros. A respeito do tópico *Prédios importantes* ele ressalta:

A moderna construção de Iguatu, contrasta em tudo com a antiga, de prédios grosseiros e acachapados. Contam-se hoje, por exemplo, majestosos e belos edifícios, como o palacete Benevides (o primeiro em majestade e arquitetura), os dos srs. Gustavo Correia e Virgílio Correia, Grupo Escolar, Matriz, Cinema, União Artística, as residências do Dr. Batista de Oliveira, Pedro Gomes de Araújo, Câmara Municipal, os sobrados Montenegro e Collares, os chalés dos srs. Alfredo Barreto e Teófilo Hamdan e a residência do Sr. Sófocles Lima Verde, em construção [VICTOR, 1925: 16].

Neste trecho observamos primeiramente o contraste estabelecido por Victor entre o velho e novo. Estando vivendo a entrada em cena de diversas inovações e ouvindo o discurso modernizador pregado naquela época era, portanto, importante para ele ressaltar

que as novas construções seguiam em harmonia com a modernização, assim como também considerou importante destacar as antigas construções colocando-as como “prédios grosseiros e acachapados”. Salientamos também que dentre as construções mencionadas, sua maioria são destacadas situando-se no centro, ao redor da igreja Matriz, ou ainda próxima à Estação, locais que lhes permitiam viver a modernização – como aproveitar a chegada do trem para a compra de jornais da capital, para ir ao lançamento de um filme que acabara de chegar também via trem, etc.

As discussões pela expansão do sistema ferroviário no interior do Ceará começaram na cidade de Baturité em fins do século XIX. O mesmo estava previsto para passar por São Mateus e não Iguatu, mas devido a desenvoltura do Cel. Belizário Cícero Alexandrino – chefe do partido liberal, deputado estadual, aliado do então Presidente do estado do Ceará Nogueira Acioly, forçosamente deixou a cidade em 1912 por conta de movimento armada e assume a presidência do Assembleia do estado. O plano primeiro, então, fora mudado e o fim da linha, até meados de março de 1916, se tornou Iguatu. A ferrovia com rota pelo ramal sul, via Baturité tinha como última parada antes da chega em Iguatu o distrito de Lages – atualmente corresponde à cidade de Acopiara – pertencente ao município aqui referido no presente momento (VICTOR, 1925:96-97).

A estação de Iguatu, inaugurada a 5 de novembro de 1910, mesma data da inauguração da estação de Suassurana, permitiu uma maior circulação de pessoas que vinham de outros municípios em mulas, pernoitavam e seguiam viagem. Pessoas vindas das cidades do Crato, Várzea Alegre, Cedro, Juazeiro, Icó, dentre outras, que podiam estar se dirigindo à capital ou outra cidade do percurso, bem como estar retornando. Tais viagens foram muito observadas pelos estudantes que passavam o período letivo na capital – posteriormente com a expansão das linhas ferroviárias tal migração também era observada para Crato e Recife – e, na época das férias, se dirigiam às suas famílias num trajeto que podia levar cerca de dois dias (MONTENEGRO, 2010: 67).

A Estação de trem na cidade de Iguatu significava também a possibilidade de maior comercialização e mais acessibilidade para novas indústrias se instalarem. Nesse

cenários notamos a produção algodoeira das regiões próximas sendo transportadas até a Estação, de lá para o porto de Fortaleza, ou de Recife posteriormente, e dos portos para o exterior. Como o algodão se destacava como principal produto da balança comercial as indústrias voltaram-se mais para seu tratamento, descarcoando-o, limpando-o, etc.

Assim, Hugo Victor, em seu tópico sobre os *Estabelecimentos industriais* afirma: “Iguatu é uma das cidades do Ceará em que se conta maior número de fábricas, e para dar uma ideia mais perfeita, torna-se necessário a divulgação circunstanciada de todas as seções e de todos os maquinários que as compõem” (VICTOR, 1925: 63). A partir daí ele sai descrevendo algumas fábricas e as atividades ali realizadas, bem como o maquinário que tal empreendimento dispunha. Dentre elas estão a Fábrica Benevides, a Fábrica de Gustavo Correia Lima, a Fábrica S. Margarida, a Fábrica S. José, a Fábrica de Beneficiamento de Algodão, a Fábrica Romeiro, dentre outras, sendo todas elas dedicadas aos cuidados com o algodão e o arroz – este provavelmente dedicado ao consumo do município. Boa parte do maquinário existente nessas fábricas foram trazidos da Inglaterra, constando como uma das principais a de descarcoamento.

Dentre essas indústrias uma seria destaque na economia algodoeira da região por várias décadas. A CIDAO – Companhia Industrial de Algodão e Óleo, começou a ser construída em 1921 e teve suas obras concluídas em março de 1924. Essa indústria era propriedade do Sr. Trajano de Medeiros e com sua forte atuação no referido setor rendeu-lhe à cidade a alcunha de *Princesa do Ouro Branco*. Para Nogueira, ela foi a maior indústria da cidade. Um desvio da linha de ferro foi construído passando por dentro da fábrica, provavelmente no intuito de fazer escoar mais rápido a produção. Esse mesmo desvio seria responsável no ano de 1933 pela recepção de Getúlio Vargas pelo Dr. Manoel Carlos de Gouvêia e a visita ao *Hospital Santo Antônio*, construído com material retirado da construção da estação às escondidas (MONTENEGRO, 2010: 59).

Observando alguns relatos de entrevistados, historiografia e documentos pensamos que provavelmente a expansão do comércio de algodão tenha sido o principal fator do desvio da estrada de ferro para as terras de Iguatu. E da sua chegada ter servido como meio

propulsor para a expansão do que estava ganhando cada vez mais as manchetes de jornais como “progresso”, pois assim acreditavam os intelectuais observadores desse início do século XX. Com entusiasmo, seus escritos tomavam nota da chegada da modernização, do trem, da eletricidade, do telefone, do cinema, dentre outros (VICTOR, 1925: 47).

Inclusive, as análises de tal episódio nos faz lembrar a exibição do primeiro filme pelos irmãos Lumière, na França no século XIX. O referido filme ficou popularmente conhecido como “A chegada do trem na estação”. Com menos de 10 minutos, a câmera foi posicionada em um tripé próximo a linha de ferro, permitindo filmar o trem ainda diminuto aparecendo no horizonte e ir crescendo, ganhando cada vez mais o quadro da tela, ao ponto de fazer as pessoas que ali assistiam sair correndo diante da ilusão de que o trem os atropelariam (XAVIER, 1996: 25). O cinema como mais um invento modernizador preconizava em seu primeiro filme também uma criação fruto da modernização. Ao mesmo tempo essa cena poderia ser vista como uma alegoria capaz de passar a mensagem de que a modernização agora ganhava velocidade, vinha de trem. Foi, portanto, de trem que os filmes chegaram da capital e ganharam as salas do primeiro cinema da cidade de Iguatu, filmes ainda mudos e acompanhados pela banda de música da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de 1916, então, foram inauguradas estações que davam prosseguimento à linha que até então finalizava em Iguatu. Assim, em março de 1916 foi inaugurada a estação de José de Alencar (hoje conhecida como Alencar apenas), em dezembro de 1922 a estação de Jaguaribe e em julho de 1925 a de Varzinha. Seu destino era alcançar a cidade do Crato, ponto final da linha de Baturité, fato realizado no ano de 1926.

Nos idos dos anos 1980 a linha ferroviária acabou com o transporte de passageiros, permanecendo apenas como transporte de cargas. A historiadora Ana Isabel R. Parente Cortez, na sua dissertação sobre as memórias acerca do trem na cidade do Crato, observou uma canção popular muito conhecida entre os participantes da feira agropecuária da

cidade, cantada no início da década de 1990 quando da desativação do transporte ferroviária pelo atual governador do estado, Cid Gomes. Na canção notamos a cidade de Iguatu como uma referência:

Doutor, bota o trem de volta

Doutor, é o transporte do pobre

De Juazeiro vou para o Crato

Do Crato para Fortaleza

Era uma beleza

(...)

Levava eu e tu

Do Crato para Iguatu

Se você ia fazer boa viagem

Levava a família e a bagagem

A produção era uma beleza

Aquele trem do Crato pra Fortaleza

Doutor, bota o trem de volta

(...)

[CORTEZ, 2008:79]

Um episódio não menos triste do que o cantado acima se deu com a desativação da CIDAO, em Iguatu, também na década de 1990. Com o fechamento total da fábrica sua estrutura toda foi destruída, bem como o desvio dos trilhos no intuito de, em seu lugar, ser erguido um campus universitário, conhecido como cidade universitária, para abrigar a todas as universidades existentes na cidade – URCA, UVA e FECLI. O projeto inicial visava preservar os trilhos e as fachadas dos prédios, conservando um espaço para museu que homenagearia tanto à indústria quanto à produção algodoeira e ao trem. Contudo, o que observamos – e tal episódio foi ressaltado em matéria do Diário do Nordeste – foi a completa destruição de sua estrutura física, a entrega de partes de um antigo trem para a

sucata e a retirada dos trilhos. Esse foi mais um dentre tantos do patrimônio do município que perdemos para que seu espaço pudesse ser reaproveitado.

Aqui nos detivemos a abordar apenas o início do século XX, quando da chega e atuação do trem e, principalmente do cinema. Num primeiro momento deste artigo priorizamos analisar o cinema na sociedade, sua construção, a participação popular, sua localidade dentro do mapa urbano em articulação com os demais espaço públicos, dentre outros aspectos, para num segundo momento observar algumas práticas, atividades e informações a respeito da cidade na década de 1920 à luz dos escritos de Hugo Victor, contemplando, por fim, a construção e dinâmica do trem no referido recorte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, vol. 1. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias descarrilhadas: o trem na cidade do Crato**. Dissertação (Mestrado) em História Social na Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2008.

FARIAS, Gardevânia. **O Conciso Inventário do Patrimônio Histórico e Arquitetônico de Iguatu**. Fortaleza: Expressões Gráficas e Editora, 2011.

MONTENEGRO, José Hilton Lima Verde. **A Estrada de Ferro de Iguatu – 100 anos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

NOBRE, F. Silva. **O Ceará e o Cinema**. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes gráficas, 1989.

NOGUEIRA, Alcântara. **Iguatu – Memória sócio-histórico-econômica**. 2ª Ed. Fortaleza, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, 2007.

ROCHA, João Alves. **Estes Sonetos**. Crato, CE: BSG – Bureau de Serviços Gráficos, 2012.

VERDE, Wilson Holanda Lima. **Iguatu: pelos novos caminhos da História** (dando nova vida ao que vi, ouvi, li, falei, me disseram). Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

VICTOR, Hugo. **Ceará – O município e a cidade de Iguatu**. Iguatu: Tipografia Chrysallida, 1925.

XAVIER, Ismail. **O Cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.